

## UMA DIVA PERONISTA NO PANTEÃO GUEI

Tales Santos Pereira<sup>1\*</sup>; André Luis Mitidieri Pereira<sup>2</sup>

1. Estudante de IC da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

2. Pesquisador do Depto. de Letras e Artes, UESC/ Orientador

### Resumo:

Através de pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, o presente trabalho de iniciação científica orientou-se pela investigação do mito de Eva Perón na configuração de escrituras homoeróticas, a partir de textos como “Eva”, de Maria Helena Walsh, destacando a construção do ícone feminino homoerótico da primeira dama argentina. Acreditamos que há elementos presentes no mito de Eva Perón que atraem uma perspectiva homoerótica na interpretação de seu universo mitológico. Tanto o percurso de vida, semelhante a um conto de fadas contemporâneo, quanto a linguagem melodramática e a aproximação de sua imagem às divas do cinema e do mundo do espetáculo, bem como a amizade com homossexuais de seu tempo, são chaves de interpretação para compreender tanto a identificação-adoração nutrida pelos sujeitos homoeróticos, quanto a inserção de Eva Perón no universo simbólico homocultural.

**Palavras-chave:** Homocultura; Eva Perón; Literatura Homoerótica.

**Apoio financeiro:** FAPESB

**Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição:** UESC

### Introdução:

A morte de Eva Perón a transformou em algo mais perigoso do que um fantasma, porque estes se caracterizam pela semipresença do corpo que um dia foram em vida. Evita transformou-se em mito e permanece mais viva do que nunca: sempre que evocada, predicada e representada, a imagem da primeira dama do peronismo entrega as concepções de poder, política, posição feminina, desejo e prazer de quem as elabora. Capturá-la, nesse sentido, resulta num intento frustrado: apenas enquadrámos a imagem que queremos fazer dela.

É interessante observar o espectro de representações alcançado pelo mito de Evita no universo homocultural, pois são imagens elaboradas entre as visões cristalizadas por parte de seus adoradores e por parte de seus adversários. Se Eva é santa para alguns e puta para outros, o que torna particular as representações homoculturais do ícone peronista é justamente a ambivalência: Eva é santa e puta e o que mais quisermos fazer dela.

Tamanho empreendimento justificou-se pela importância em discutir histórias e sujeitos não sintonizados com a tradição dos discursos da tradição latino-americana, principalmente quando focalizados pela perspectiva de uma produção literária engendrada por escritores homossexuais. Através dessas produções, podemos visualizar a cena LGBT em outros espaços, discutindo como aparecem no campo biográfico, as representações de autores homossexuais e de suas subjetividades, modos de ser e viver, enfrentamentos e perspectivas frente à violência conservadora, ao controle dos corpos e da sexualidade.

Nesse sentido, o presente plano de trabalho objetivou ler, estudar e analisar o texto “Eva”, de Maria Helena Walsh, destacando os elementos pelos quais a primeira dama argentina é construída enquanto ícone feminino guei. Também nos interessou compreender os modos através pelos quais essa personalidade histórica se torna atrativa para a escrita ficcional homoerótica e o seu respectivo impacto na construção de um imaginário guei argentino.

### Metodologia:

O suporte analítico ao presente trabalho orientou-se por investigação qualitativa de cunho bibliográfico, envolvendo leitura e fichamento do corpus, de textos teóricos e históricos. Situados prioritariamente nas intersecções entre crítica cultural, crítica literária, espaço biográfico e homocultura. A partir desse ferramental teórico, analisaram-se os textos que compõem o corpus. Em estágio posterior aos resultados alcançados pela pesquisa e o cruzamento de dados por ela oferecidos, buscou-se chegar a uma qualificada produção, a ser divulgada em eventos científicos.

### Resultados e Discussão:

Por que Eva Perón torna-se tão atrativa para uma perspectiva guei de seu mito? Por que figura no altar de adoração enquanto diva e divindade no panteão guei? Por que seu nome cimenta o imaginário guei argentino? Que elementos desse mito são claves de leitura e interpretação de subjetividades homoeróticas?

O próprio percurso de vida da primeira dama argentina é um princípio de identificação-adoração: uma

jovem interiorana que desde muito cedo conhece a humilhação, muda-se para a capital em busca de seus sonhos, começa sua trajetória como artista nas radionovelas, depois migra para o cinema e, enfim, conhece o homem da vida que lhe oportunizará a entrada nos palcos do poder. Seria a narrativa de um conto de fadas moderno? Eva Perón é a borralheira dos humildes e reunirá em torno de sua sombra todos os marginais que partilham de mesma trajetória: “a injúria, a fuga da cidade, a necessidade de desenvolver estratégias e negociações para poder sobreviver é o processo que seguiram muitas vidas de gueis, lésbicas e travestis durante o século XX” (MELO, 2012, tradução nossa).

Do mesmo modo, a linguagem melodramática envolvida na estruturação do mito de Eva é também responsável por configurá-la como uma diva para os sujeitos homoeróticos. Tudo em Evita é potencialmente melodramático. Pelos corpos das divas, os gueis elaboraram códigos de inteligência da sua própria subjetividade e também nos modos de ler o mundo. Assim sendo, a pose, o gesto e o glamour são, antes de tudo, estratégias de resistência e sobrevivência assinaladas pelo cruzamento de erotismo e posições de poder fincadas no território do domínio hegemônico.

Além do percurso de vida da primeira dama argentina e da linguagem melodramática que a identifica enquanto diva, outro elemento é importante ao analisar o processo de identificação-adoração dos indivíduos homossexuais com Eva Perón, sobretudo no imaginário guei argentino: sua amizade e proteção aos homossexuais da época. Os testemunhos do cabeleireiro Julio Alcaraz e as memórias escritas do estilista Paco Jamandreu são um dos fios condutores que conectam a imagem de Evita à homossexualidade.

No relacionamento entre Evita e as bichas que a produziam existe um aspecto ser considerado. Uma diva não nasce do nada, assim como Evita deixou-se montar por seu cabeleireiro, que fez do seu cabelo uma marca indelével, esses astros luminosos aprendem dos maquiadores, estilistas, figurinistas, algumas lições no árduo caminho até a divisse. Dessa forma, as bichas produzem as divas em duplo sentido: as criam em sedas, maquiagens e purpurina para as adorarem no altar das devoções fervorosas. Todo o ritual de criação da diva obedece a um código altamente elaborado: cada diva apresenta uma característica marcante, fragmentos biografemáticos que nos remetem automaticamente ao espectro de sua figura.

A poetisa argentina lésbica Maria Helena Walsh, no livro *Canciones contra el mal del ojo* (1976), ainda sob o regime militar, escreve o poema “Eva”, verdadeiro canto de lamento e revolução. Na primeira parte do texto, Walsh tematiza uma Argentina tomada pelo luto, pintada sobre tons cinza e roupas pretas, molhada pelas lágrimas dos pobres, devassada pela ausência da Mãe espiritual da nação:

Rua,  
Florida, túnel de flores podres,  
E o pobrerio ficou sem mãe  
chorando entre lampiões com fitas de luto,  
Chorando nus, para sempre, sozinhos  
(WALSH, 1976, p. 98, tradução nossa).

No poema, as representações do funeral de Evita se enriquecem com a metonímica de adornos e paramentos, dignos das grandes monarcas da história. Remetem aos rituais religiosos dos antigos egípcios, os quais preparavam os túmulos dos corpos com toda a sorte de joias e bens preciosos, para levá-los de forma digna aos territórios do pós-morte. A presença do cadáver de Eva Perón é tão nobre que todos os adornos perdem sua função, como verificamos nos versos:

Pobrezinhos rubis, esmeraldas,  
visões ofertadas pelo povo,  
sandálias de ouro, sedas reais  
vazias, desprezadas pela noite  
(WALSH, 1976, p. 98, tradução nossa).

O embalsamamento da Mão dos humildes revela uma preocupação latente: afastar a putrefação, sinais da morte sobre os corpos, para preservar o corpo santuário. De fato, o enterro de Evita assemelha-se à romaria de devotos desconsolados, povo que a havia canonizado em vida, e em morte apenas confirmou o processo de canonização:

Se pintou a república de preto  
enquanto te maquiavam e conspurcavam.  
Nos altares populares, santa [...]  
E o povo que chorava para sempre  
Sem prever tua atroz peregrinação  
(WALSH, 1976, p. 99).

Rompendo com o clima fúnebre da primeira parte, Evita é evocada para unir-se à luta das mulheres por justiça e igualdade:

Não descanses em paz, levante os braços  
não para o dia da renúncia

mas para juntar-se às mulheres  
com tua bandeira redentora  
lavada em pólvora, ressuscitando  
(WALSH, 1976, p.99, tradução nossa).

### Conclusões:

Portanto, através da análise do poema da escritora Maria Helena Walsh, percebemos que junto de todas as mulheres, loucas, desvalidas, bichas, lésbicas, travestis, marginais, gentinhas e miseráveis, a imagem “dessa mulher” ameaça a instituição do poder masculino heterocentrado, por insinuar que as fronteiras são passíveis de violações. Eva é celebrada em múltiplas cores, diversas faces e identificações de gênero no universo simbólico homocultural, porque “se Evita viviera, sería tortillera”, torta e transgênero. Essa reivindicação, misto de identificação-adoração por parte dos sujeitos homoeróticos, inspira-se pelo constante movimento de resistência, como bem insinua a última estrofe do poema:

Ter coragem, como tiveste,  
Fanática, leal, desenfreada  
na candura da beneficência  
mas a única que se deu ao luxo  
de coroar-se pelos subalternos.  
Coragem para defender a morte  
Coragem para enfrentar o mundo.  
Ter coragem para fazer de novo o mundo  
Ter coragem para gritar  
Ainda que nos amordacem os canhões  
(WALSH, 1976, p. 99, tradução nossa).

### Referências bibliográficas

- BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- MELO, Adrian. *Nuestra mujer*. Página 12, Buenos Aires, 12 de jun. de 2012. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/soy/1-2557-2012-07-27.html>. Acesso em: 16 de sept. de 2017.
- MIRA, Alberto. Cinefilia gay y el cultivo del yo. In: *Razón y palabra*. Monterrey: n.85, p. 01-24, dez. 2013- mar.2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199531506002>> . Acesso em: 14 de mar. de 2016.
- MITIDIERI, André Luis. Biografemas homoculturais de Eva Perón no romance Santa Evita, de Tomás Eloy Martínez. In: MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Flávio Pereira (Org.). *Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais*. Ilhéus: Editus, 2015. p. 41-76.
- NAVARRO, Marysa. La Mujer Maravilla ha sido siempre argentina y su verdadero nombre es Evita. In: \_\_\_\_\_. *Evita: mitos y representaciones*. Buenos Aires: FCE, 2002. p. 11-42.
- SÁNCHEZ, Ana Maria Amar. Evita: cuerpo político/imagem pública. In: NAVARRO, Marysa. *Evita: mitos e representaciones*. Buenos Aires: FCE, 2002.
- WALSH, Maria Helena. *Cancionero contra el mal de ojo*. Buenos Aires: Sudamericana, 1976.